

# Risco de pobreza diminuiu mas ainda afecta mais de 1,7 milhões de portugueses

Patrícia Carvalho

## Situação dos idosos e de famílias com três ou mais crianças piorou: risco aumentou em quatro e 4,6 pontos percentuais

Depois de em 2022 o risco de pobreza entre os portugueses ter aumentando, contrariando o que se passara no ano anterior, em 2023 voltou a baixar, passando dos 17% para os 16,6%, um recuo de 0,4 pontos percentuais, que não chega, ainda assim, para atenuar totalmente os efeitos do aumento anterior, que se situou em 0,6 pontos percentuais. Os dados constam do *Inquérito às Condições de Vida e Rendimento*, que o Instituto Nacional de Estatística revelou ontem, e que aponta para uma melhoria das condições em diferentes indicadores, com excepção da situação dos idosos, que viram o risco de pobreza aumentar.

Apesar da melhoria, o que o INE nos diz é que em 2023 ainda havia mais de 1,7 milhões de portugueses em risco de pobreza, ou seja, que tinham um rendimento mensal líquido inferior a 632 euros líquidos. Eram 1,761 milhões de pessoas nesta situação. E, se não houvesse transferências sociais, tudo seria pior – o risco de pobreza, nesse caso, seria de 21,4% e não de 16,6%, o que nos diz que a eficácia destas prestações melhorou em relação a 2022. Nesse ano, o peso das transferências sociais foi de 4,2 pontos percentuais, valor que subiu para 4,8 pontos percentuais em 2023.

A situação global do país, aqui traduzida, leva o economista e investigador da pobreza do ISEG Carlos Farinha Rodrigues a avaliar: “Há um aspecto positivo, o retomar do ciclo descendente da maior parte dos indicadores, mas com algumas reticências.” E algum refrear de entusiasmo: “Esta descida não é suficiente para compensar o agravamento que se sentiu no ano anterior.”

Uma opinião que é partilhada por Fernando Diogo, especialista em questões de pobreza, da Universidade dos Açores e da CICS.Nova. “É positivo que a pobreza tenha descido, mas esta redução é pequena. Além disso, olhando numa perspectiva temporal, vemos que ela atingiu o ponto mais baixo em 2019, quando estava em 16,2%, um valor a que ainda não chegamos. Em 2020 houve um grande aumento, que se compreende pelos impactos da pandemia, depois dimi-

nuiu em 2021 e voltou a subir em 2022, sem que se perceba muito bem porquê. É provável que tenha subido pelo impacto das migrações, tendo em conta que aquele agravamento estava muito associado à Área Metropolitana de Lisboa, onde há mais migrantes, mas não há certezas. E a descida deste ano não compensa a subida do ano passado”, diz.

## Jovens melhor, idosos pior

Uma das principais alterações ocorreu ao nível das faixas etárias mais afectadas pela pobreza, registando-se uma inversão que levou a que os jovens até aos 18 anos deixassem de ser os que corriam mais risco de pobreza para serem substituídos pelos idosos.

Em 2022, 20,7% dos jovens estava em risco de pobreza, percentagem que agora desceu para os 17,8%. Já entre as pessoas com 65 anos ou mais, esse risco subiu de 17,1% (2022) para 21,1% (2023). Na população entre os 18 e os 64 anos, 14,4% estava em risco de pobreza, menos do que os 16% registados no ano anterior.

Como é que isto se explica? Não há uma resposta única. Em relação aos



Entre os 18 e os 64 anos, 14,4% da população estava em risco de pobreza, menos do que os 16% do ano anterior

jovens, Fernando Diogo lembra que esta é “uma população muito vulnerável”, mas que “as crianças não são pobres por si próprias”. A sua condição económica depende dos rendimentos do agregado em que se insere, e estes rendimentos sofreram uma melhoria, pelo que parte da diminuição da pobreza entre os mais novos pode explicar-se por aqui. Carlos Farinha Rodrigues sublinha que a taxa de pobreza entre os mais jovens “é a mais baixa desde 2007” e acredita que as políticas públicas tiveram um impacto neste resultado. “As medidas tomadas em termos de apoio à criança têm uma influência e se analisarmos a taxa de pobreza das famílias com crianças, vemos que ela também desce de forma consistente”.

Já o aumento da pobreza entre os mais velhos suscita muitas dúvidas e leva este especialista a concluir que “exige um estudo mais apurado”, para se perceber o que aconteceu. De

qualquer modo, Carlos Farinha Rodrigues acredita que dois factores podem ter pesado neste agravamento – a forma como as pensões são calculadas pelo INE, que sofreu uma alteração, e o facto de o limiar da pobreza ter aumentado, num ano, de 591 euros para 632 euros. “Se olharmos para o inquérito do ano passado é possível ver que nesse intervalo [de rendimentos entre os 591 e os 632 euros] viviam cerca de 100 mil idosos”, explica. Ou seja, cerca de 100 mil pessoas que no ano passado não seriam contabilizadas como estando em risco de pobreza, mas que este ano já são.

## Famílias com crianças

Além dos idosos, também as famílias com dois adultos e três crianças ou mais viram a sua condição económica degradar-se. A taxa de risco de pobreza para estas famílias fixou-se nos 28,2% (era 23,6%), sendo ultrapassada apenas, pela negativa, pelas famílias monoparentais (31%, quase sem mudanças em relação a 2022, quando se situava nos 31,2%) e pelos agregados de um adulto sem crianças (28,6%, contra 24,9% em 2022), que os especialistas acreditam que poderá referir-se maioritariamente a idosos isolados.

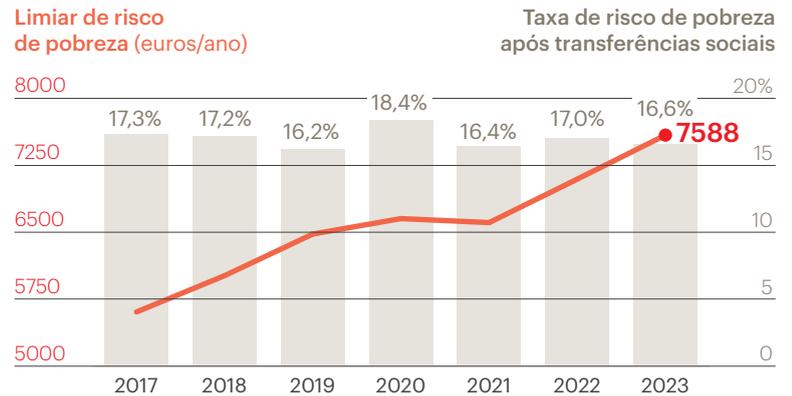
Fernando Diogo destaca um dado inédito: “Pela primeira vez, uma família com crianças tem uma taxa de pobreza inferior à de uma família sem crianças”, indica. De facto, a taxa para as famílias sem crianças dependentes era 16,7% (tinha sido de 15,2% em 2022), enquanto a de famílias com crianças se ficou pelos 16,4% (uma descida de mais de dois pontos percentuais, dos 18,9% do ano anterior). De novo, a melhoria dos rendimentos e a situação mais desfavorável dos idosos terá contribuído para estes números gerais.

## O factor emprego

O risco de pobreza também recuou para a população empregada (de 10% em 2022 para 9,2% em 2023) e para a desempregada (desceu de 46,7% em 2022 para 44,3%). Fernando Diogo não se deixa entusiasmar. “Há que salientar a persistência da pobreza entre a população empregada. Como é possível que as pessoas trabalhem e sejam pobres? Precisamos de ter atenção, porque mais de metade dos pobres são trabalhadores, é um valor muito alto”, alerta.

## Indicadores de pobreza e desigualdade económica

Em Portugal, 2017-2023



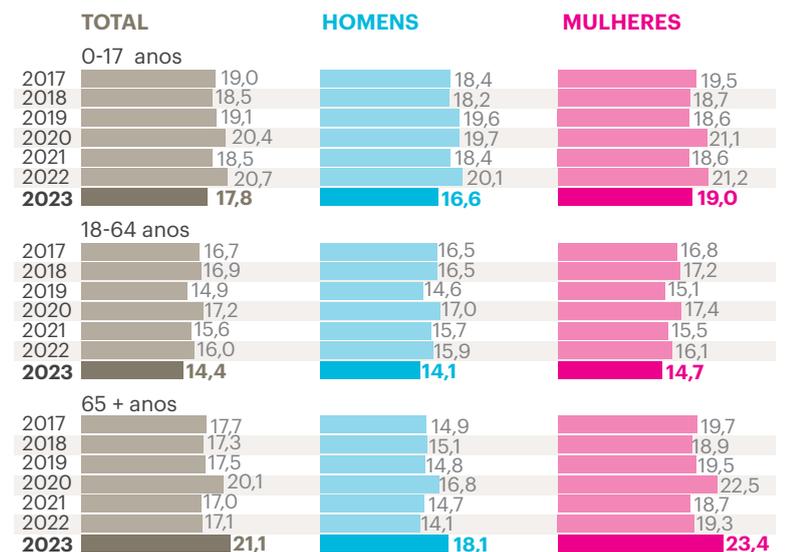
## Principais indicadores da pobreza nos últimos seis anos

Em %



## Risco de pobreza após transferências sociais

Valores segundo o sexo e a idade, em %. Em Portugal, 2017-2023.



## Taxa de privação material e social

Valores segundo o sexo e o grupo etário, em %. Em Portugal, 2018-2023.

